

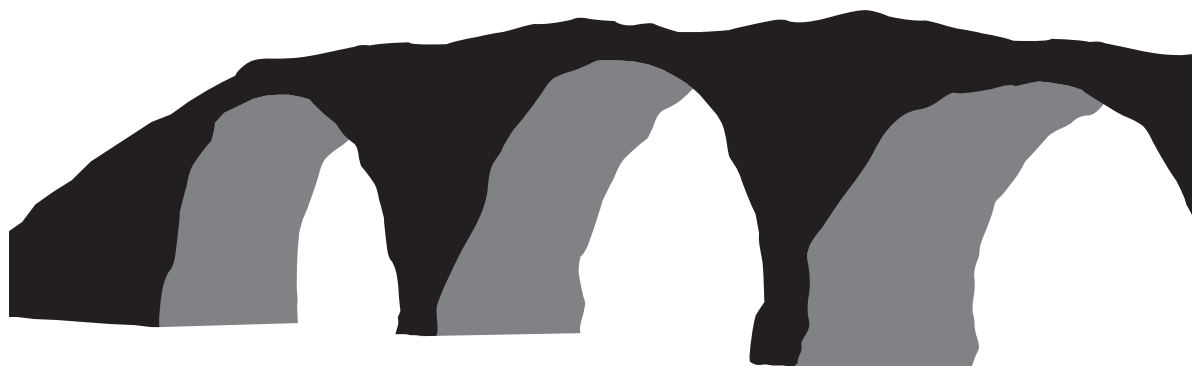
VESTÍGIOS – Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica

Volume 1 | Número 2 | Julho – Dezembro 2007

ISSN 1981-5875

CAMINHOS E PERCEPÇÕES QUE CONSTITUEM PAISAGENS

Adriana Fraga da Silva



CAMINHOS E PERCEPÇÕES QUE CONSTITUEM PAISAGENS

Adriana Fraga da Silva*

RESUMO

A partir de alguns roteiros de viagens e das notícias práticas enviadas ao Padre matemático Diogo Soares, por Souza e Faria e pelo piloto José Inácio, procuro aproximar-me das experiências destes homens com a paisagem no processo de estabelecimento do Caminho dos Conventos (elaborado para escoamento de gado e povoamento de novas áreas). Busco um caminho interpretativo para analisar as relações dos transeuntes com o espaço, com os lugares que estes denominaram e adjetivaram na construção de referenciais de deslocamento e condutas de movimentação. Ao terem identificado, denominado, descrito e atribuído diferentes significados aos lugares e pontos de destaque do relevo, os autores criaram e vivenciaram paisagens, através de suas formas de ver, viver e dar sentido a um espaço.

RESUMEN

Partiendo de rutas de viaje y de informaciones enviadas al padre matemático Diogo Soares, por Souza e Faria, y por el piloto José Inacio, intento aproximarme de las experiencias de estos hombres con el paisaje durante el proceso de creación del “Caminho dos Conventos” (abierto para el traslado de ganado y poblamiento de nuevas áreas). Busco un camino interpretativo para analizar las relaciones de los caminantes con el espacio, con los sitios que estos nombraron y describieron en la construcción de referenciais de desplazamiento y conductas de movimiento. Al identificar, nombrar, describir y atribuir diferentes significados a los sitios y sectores de destaque en el relieve, los autores crearon y vivenciaron paisajes, a partir de sus propios puntos de vista, que dan sentido al espacio.

ABSTRACT

From some travel itinerary and of practical news sent to mathematics priest Diogo Soares by Souza e Faria and the pilot José Inácio, I aim to approach this men's experiences with the landscape in the process of establishing Caminho dos Conventos (designed for cattle's circulation and for peopling of new areas). I search for a interpretative way to analyze the relation between walker and the space, the places which they had named and labeled while building referenciais of displacement and movement behaviors. By having identified, named, described and attributed different meanings to the places and points of prominence of the relief, the authors created and deeply experienced landscapes, through their manners of seeing, living and giving sense to space.

* Adriana Fraga da Silva. Profa. Centro Universitário Metodista IPA. Doutoranda PPGH-PUCRS. Endereço eletrônico: adrifragasilva@hotmail.com

Neste artigo apresentarei algumas reflexões que surgiram a partir da elaboração de minha dissertação de mestrado (Silva, 2006),¹ na qual tive como objetivo aproximar-me, através da Arqueologia da Paisagem (ArPa), das transformações de um espaço durante a abertura de estradas e a ocupação de território, no século XVIII e meados do XIX, na região dos Campos de Cima da Serra/RS. Em tal trabalho busquei compreender os processos de (re)construção, transformação e (re)significação do espaço, destacando as tensões geradas em diferentes momentos e situações. Ou seja: apresentei o caminho que escolhi, para tentar buscar outras formas de ver, ler, compreender e analisar o tropeirismo e suas implicações na construção de espaços e de paisagens sociabilizados e vivenciados de diferentes formas e sentidos, por diferentes grupos.

A América meridional, na área hoje correspondente ao atual estado do Rio Grande do Sul, durante os primeiros séculos de ocupação ibérica, pouco interesse despertou nos colonizadores portugueses, exceto em algumas investidas bandeirantes em busca de mão-de-obra indígena. No entanto, durante o século XVIII, quando a prática mineradora atingiu dimensões significativas² no quadro social e econômico da América Portuguesa, esta região se torna alvo dos interesses coloniais. É dado início à implementação de novos projetos exploratórios e ocupacionais, através dos quais estradas foram abertas e terras concedidas com a finalidade de consolidar a ocupação lusa. E, conseqüentemente, o movimento comercial nesta região foi incrementado.

Este comércio emergente, que consistiu no fluxo contínuo de homens e idéias, transportando gado e produtos a serem comercializados, configurou o que conhecemos como tropeirismo. Durante o século XVIII esta atividade atingiu seu auge, com o desenvolvimento do movimento de ir e vir por caminhos abertos a partir das mais diversas demandas. Caminhos que cobriam boa parte da região platina, compreendida como a ampla área de alcance da Bacia do Rio da Prata, com seus grandes tributários, os rios Paraná, Paraguai e Uruguai.

A possibilidade de exploração das grandes reservas de gado, conhecidas como “Vacarias”, fez da região sul um grande atrativo aos interesses coloniais. Dentre as muitas ações efetivadas para a ocupação e o *aportuguesamento* deste espaço destaco a abertura de estradas. Foi a partir da busca pelo gado que a região sul da América portuguesa desenvolveu fortes ligações com outros espaços coloniais, espanhóis e portugueses. E foi neste contexto que os “caminhos do gado” ou “caminhos de tropeiros” adquiriram importância significativa, tanto para a dinamização econômica e questões ligadas a trocas e intercâmbios culturais quanto para a colonização da região. Estava lançado o “fundamento econômico básico de apropriação da terra gaúcha: a preia do gado xucro” (Pesavento, 1994:9).

¹ Dissertação elaborada sob orientação do Prof. Dr. Arno Alvares Kern, defendida em janeiro de 2006 na PUCRS.

² A exploração aurífera tornou-se também um grande atrativo para a população que desejava alcançar alguma riqueza ou para aqueles que queriam apenas sobreviver. Em função disto, um significativo contingente populacional lança-se à “corrida pelo ouro”, o que somado a uma série

Para compreender o que estes novos caminhos representaram abordei, na dissertação de mestrado, três rotas criadas no século XVIII. São elas: o Caminho da Praia, descrito por Domingos da Filgueira em 1703; o Caminho dos Conventos, traçado por Francisco Souza e Faria em 1728 e, por último, o Caminho das Tropas, estabelecido por Cristóvão Pereira entre 1727 e 1730. Para isto, debruicei-me sobre alguns roteiros de viagens e sobre as notícias práticas enviadas ao padre matemático Diogo Soares (jesuíta português) por Souza Faria, Cristóvão Pereira de Abreu e pelo piloto, que acompanhou Cristóvão Pereira de Abreu, José Inácio.

Através destes relatos e da cartografia histórica, procurei identificar os lugares por onde estes caminhos cruzaram e entender as relações dos transeuntes com o espaço, na busca de uma aproximação com o que representaram e significaram estas estradas, os elementos ao longo destas instalados e, com isso, os interesses territoriais das duas coroas. Tais fontes também possibilitam uma aproximação com as formas de subsistência (como a busca de alimentos); os cuidados tomados com as tão temidas “feras do mato”; os lugares que foram denominados e adjetivados durante a viagem, os quais serviriam como marcos de direcionamento e referências para os futuros viajantes destas rotas, e as condutas de movimentação indicadas (pelos autores das fontes) para tais deslocamentos. Ao terem identificado, denominado, descrito e atribuído diferentes significados aos lugares e pontos de destaque no relevo, os autores destas fontes criaram e vivenciaram espacialidades e paisagens, através das suas formas de ver, viver e dar sentido ao espaço.

As estradas analisadas e interpretadas na dissertação foram abordadas como elementos inseridos na paisagem, as quais não configuram apenas produtos da ação humana, tampouco uma simples linha de ligação entre um ponto e outro. Mas, sim, como elementos que representam um espaço de movimento, criado e experimentado socialmente. Para este artigo tecerei alguns comentários sobre dois relatos, ou notícias práticas, que abordam um mesmo caminho, o denominado Caminho dos Conventos, proposto como uma alternativa para o caminho litorâneo conhecido como Caminho da Praia.

Em fevereiro de 1728 o Sargento-mor da Cavalaria, Francisco de Souza e Faria, partiu da Vila de Laguna, pelo litoral, ao encontro do Rio Araranguá a fim de dar início aos trabalhos na nova rota que seria por ele traçada. O *Caminho dos Conventos* ou *Estrada de Sousa e Faria* teve como ponto inicial o Morro dos Conventos, passando pelos Campos de Cima da Serra até chegar a Curitiba. No entanto, o projeto de encontrar uma rota alternativa, que evitasse maiores desgastes aos animais e menores distâncias a serem percorridas, foi proposto antes da empreitada de Souza e Faria.

Bartolomeu Pais de Abreu enviou, em maio de 1720, uma carta a “El-Rei” na qual, em troca de algumas mercês,³ propunha-se a abrir uma nova rota. Abaixo segue transcri-

de outras razões, leva a região das Gerais a mais absoluta carência por produtos de primeira necessidade, como gêneros alimentícios e animais de tração e transporte (Russell-Wood, 1999).

³ Como: “isenção de impostos, por nove anos, sobre os animais que pela estrada fizesse transitar; patente de capitão-mor do distrito do Rio Grande e de guarda-mor das minas que se viesse a descobrir” (César, 1970: 94).

to um fragmento deste documento, onde seu autor destaca as vantagens de um novo caminho:

... toda esta campanha do Rio Grande para adiante *produz gados vacuns e cavallares em muita quantidade*, sem mais utilidade para a real coroa de Vossa Majestade que alguma coirama fabricada na mesma Colônia; e se não pode conseguir maiores conveniências com a saída destes por falta de caminhos de terra, que pela costa não permitem as cercanias, matas e baías do mar; e só terá lugar extração abrindo-se caminhada pelo interior de sertão (...). *Esta diligência seguem-se povoarem-se as terras e aumentar-se a real fazenda* no contrato dos dízimos, nos direitos dos mesmos animais extraídos; no das passagens dos rios que ficam perto sertão a dentro; descobrindo-se minas de ouro ou prata, ou pedras preciosas, que todo este vão do sertão em si oculta (apud Goulart, 1961: 206-207. Grifos meus).

A coroa aceitou sua proposta, no entanto não foi Bartolomeu Pais de Abreu quem concretizou a abertura deste novo caminho, pois pouco tempo depois de solicitar mercês mudou-se para Cuiabá. Mas, na opinião do Conselho Ultramarino, a abertura desta rota permanecia como um negócio interessante e é nesse contexto que o nome de Francisco Souza e Faria foi sugerido (Hameister, 2002: 104). O então Governador de São Paulo, Antônio Caldeira da Silva Pimentel solicitou os serviços de Souza e Faria destacando que este tinha

... inteligência pela experiência que tem daquelas Campanhas até a Colônia, *conhecimento e amizade com os índios com quem tem comerciado* (como fazem algumas pessoas e ainda Castelhanos que com eles conduzem gados e cavalgadas a Vila de Laguna) *de onde por não haver caminho se não transporta mais partes desta Capitania onde se faz necessário: hei por bem ordenar como por esta Ordeno ao dito Francisco Souza Faria possa abrir o caminho pela paragem que achar mais conveniente, possível e fácil* para por ele se poder conduzir gados e cavalgadas para os Campos Gerais de Curitiba (apud Goulart, 1961: 210. Grifos meus).

No “Registro do Regimento que leva para o Rio Grande o Sargento-Mor Francisco de Souza Faria para a abertura do caminho que vai fazer” (apud Goulart, 1961: 210-213), constam algumas ordens e prerrogativas que recebeu Souza e Faria. Dentre elas o direito de requerer ferramentas, mantimentos, armamentos, gados e recrutar gente nas Vilas por onde passasse, para acompanhá-lo (Goulart, 1961; Hameister: 2002: 105).⁴ Quando Souza e Faria chegou à Laguna, a fim de dar início à diligência, sua tarefa tornou-se muito mais complexa do que aparentemente se apresentara. Os moradores desta vila e seu Capitão-Mor, Francisco de Brito Peixoto, mostraram-se resistentes em auxiliar Souza e Faria nos preparativos de sua investida para a abertura desta rota.

⁴ Hameister (2002: 104-105) aponta uma mudança significativa na origem dos investimentos utilizados para a abertura deste caminho. Se Bartolomeu Pais de Abreu teve seu requerimento aceito, garantindo que realizaria a abertura com seus recursos próprios, Souza e Faria teve todos os custos pagos pela provedoria.

O desvio do antigo caminho litorâneo para um novo, interiorano, conforme Hameister (2002: 106), excluía algumas comunidades dos lucros provenientes da intensa movimentação de semoventes. Quanto mais distantes das grandes rotas de circulação estivessem, menor seria o acesso aos lucros do comércio, e menos valorizadas seriam as propriedades, pelas maiores distâncias a serem percorridas para escoamento da produção. Esta situação de insatisfação de alguns foi manifestada através de algumas sabotagens e obstáculos gerados para dificultar ao máximo a diligência de Souza e Faria.

Sobre a abertura do Caminho dos Conventos, é importante destacar a existência de algumas notícias práticas que foram enviadas ao Padre Diogo Soares (que trabalhou na elaboração do *Novo Atlas do Brasil*, encomendado por Dom João V).⁵ Duas destas nos interessam neste momento. A primeira, de fevereiro de 1738, foi enviada ao padre matemático por Francisco de Souza e Faria (Faria, 2002). A segunda, datada de março daquele mesmo ano, foi enviada a Diogo Soares pelo piloto José Inácio (Inácio, 2002) (quem acompanhou Souza e Faria em toda a diligência de abertura da nova rota). Apesar de tratarem do mesmo percurso, cada autor descreve o *seu caminho percorrido*, de forma que diferentes aspectos são destacados em cada uma das notícias.

Percebe-se que Francisco Souza e Faria aponta lugares que ele mesmo denominou ao longo de sua empreitada e também descreve, embora de forma sucinta, alguns acidentes geográficos e cruces que eles encontraram, ou instalaram, ao longo do caminho, para servir de referenciais para futuros deslocamentos. O piloto José Inácio, por sua vez, produziu uma notícia prática mais técnica, com importantes e mais detalhadas informações geográficas.

Nas descrições de Souza e Faria transparece o trabalho de alguém a serviço da coroa. Como primeiro descobridor do caminho, este sujeito atribuiu a esta rota sentidos que não representam apenas a presença lusa nesta região, mas sim a própria conquista de um espaço. Conforme aponta o autor ao seguir viagem depois de passar pelos campos da vacaria⁶

... arrumado sempre a serra do mar, e pouco mais de 7 léguas de caminho achei uma cruz feita de pinho e este letreiro nela 'Maries 16 de Dezembro de 1727 pipe Capitolo Marcos Omopo'. Descida a Cruz e adorada com toda a veneração, *lhe mandei tirar o título, e lhe pus este outro – Viva El-Rei de Portugal D. João o 5, ano de 1729* (Faria, 2002. Grifo meu).

⁵ Sob proposta do Conselho Ultramarino, D. João V solicitou a confecção do *Novo Atlas do Brasil*, que configurou "a primeira grande medida oficial para traçar, de forma sistemática, a cartografia do território brasileiro, não apenas na região costeira, mas também do interior da Colônia" (Guerreiro, 1999:25). Para esta tarefa, foram enviados ao Brasil, em 1730, os *padres matemáticos* da Companhia de Jesus, Diogo Soares e Domingos Capasi. Este último, italiano, faleceu em São Paulo no ano de 1736, no entanto Diogo Soares, português, deu continuidade ao trabalho, e faleceu em Goiás em 1748 (Guerreiro, 1999).

⁶ Nas notícias práticas Souza e Faria descreve estes campos da seguinte forma: "Subida a serra dei logo em campos e pastos admiráveis, e neles imensidade de gado, tirado da nova Colônia e lançado naquele sítio pelos Tapes das aldeias dos P. P. Jesuítas no ano de 1712."

Ao (re)nomear elementos, Souza e Faria criou novos lugares e referenciais de direcionamento. Buscou no itinerário de antigos viandantes, elementos de referência para sua localização e procurou locais já conhecidos e nomeados. Conforme ele mesmo escreveu

... passando algumas restingas de mato dei um outro campo mais alto, e alegre, de onde avistei um morro, que pelo roteiro que levava dos antigos sertanistas julguei ser o rico e sempre procurado morro do Tayó, e o mesmo pareceu ao meu Piloto (Faria, 2002. Grifo meu).

Mesmo tendo existido um tempo em que, como disse o Coronel Aureliano Buendía, um dos personagens de Gabriel García Márquez, em *Cem Anos de Solidão*, “o mundo era tão recente que muitas coisas careciam de nome e para mencioná-las se precisava apontar com o dedo” (Marques, 2002), a humanidade sempre vivenciou espaços através da percepção dos lugares. Para Tilley (1994) o sujeito está imerso em um mundo de lugares, no qual a imaginação geográfica aponta para a compreensão e significação destes, que passam a fazer parte da experiência humana. Estes lugares, após serem elaborados e inseridos em um contexto sócio-cultural, configuraram uma espacialidade e, por conseguinte, tornam-se elementos de uma paisagem socialmente construída e experimentada. Dessa forma, os lugares representam muito mais do que locações, pois para cada sujeito ou grupo terão um sentido e uma razão de existência.

Em sua diligência, Souza e Faria fez desta rota um elemento de paisagem dotado de diferentes significados. Este elemento estava permeado de novos lugares essenciais para o autor que indicou, através de seu relato, alguns referenciais importantes para o direcionamento de novos transeuntes. Aponta o autor que “... seguindo rio abaixo dei com pastos admiráveis duma e outra parte do rio, pelo passar 15 vezes, lhe pus o nome de Passaquinze, e tornando a procurar o morro do Biribao, que era a nossa baliza do caminho...” (FARIA, 2002). Estas balizas certamente foram utilizadas posteriormente por outros transeuntes, os quais (re)criaram lugares, geraram e perceberam uma outra paisagem, mesmo que se movimentando sobre o mesmo espaço e seguindo a mesma rota. Entretanto, Souza e Faria indica outras referências:

Deste sítio a que demos o nome de Cruz dos Tapas, segui viagem sempre a serra, e a pouco mais de quarto de léguas demos com um rio com mato duma e outra parte, a que chamei o Rio dos Porcos (...). Passado este Rio segui caminho 6 léguas ao nordeste, em que achei um sítio em uma lomba que chamei a Boa Vista, aqui se fez uma grande rancharia, que depois chamaram Tajucas, e destas é que Cristóvão Pereira d'Abreu, dali a dois anos, entrando comigo ao mesmo caminho, fez nele um atalho que agora tem (Faria, 2002. Grifos meus).

Dessa forma, a atribuição de nomes dá ao lugar um significado. Como pode ser visto no trecho da notícia prática transcrito acima, os nomes e a experimentação do espaço transformam elementos naturais em algo histórico e socialmente experimentado. “De forma fundamental, nomes criam paisagens” (Tilley, 1994: 18-19).⁷

⁷ As citações do texto de Tilley são de tradução livre da autora.

A notícia prática dada ao padre matemático Diogo Soares pelo piloto José Inácio, como já aponte, se diferencia daquela escrita por Souza e Faria. Como piloto da diligência, sua descrição é mais técnica, preocupando-se ele com as indicações de toponímia e localizações dos acidentes geográficos, o que proporcionou outras possibilidades interpretativas. Transcrevo a seguir um trecho desta notícia prática, em que se percebe não somente a intenção do autor em apresentar as descrições e nomes de lugares a serem encontrados, mas também a preocupação, de um técnico, em indicar as distâncias e direções de acordo com os pontos cardeais:

Passando o rio das Antas nos avizinhamos mais a Serra subindo e descendo grandes morros, até darmos em um campo que chamam de retirada: terá este pouco menos de légua de comprido, e em partes meia de largo; deste campo seguimos ao Nordeste afastando-nos da Serra, e pouco mais de duas léguas nos demos no rio da vaca com 4 braças de largo, e de fundo só 2 palmos: seguimos o mesmo rio, que corre ao poente (Inácio, 2002).

Além dessa minuciosa descrição, José Inácio chamou atenção para algumas advertências úteis ao direcionamento de futuros viandantes:

... na travessia desta primeira e segunda passagem do ribeirão dos Cavalos, adonde vieram dois ribeirões que correm para a Serra, ambos de lajes, reparem que o morro que deles se avista a Loesnoroeste, e tendo o tempo claro não é o Taió, mas o Berimbau (...) olhando-se de longe para ela⁸ parece que se divide do morro do Berimbau, mas é engano, porque toda é a mesma: tem ao pé seus campestres, e capões, e para mais conheçença alguns pés de Butiás grandes (Inácio, 2002).

As referências apontadas pelo autor, sugerindo que o transeunte repare em determinado acidente geográfico, olhe para determinada direção ou reconheça os butiazeiros, exigem intimidade com o espaço; além disso, remetem ao que Tilley (1994) denomina de espaço perceptivo e espaço existencial. O primeiro diz respeito ao espaço percebido e encontrado por indivíduos em sua prática diária. Está relacionado às percepções individuais das distâncias e direções, dos objetos naturais e criações culturais. “Este espaço é sempre relativo e qualitativo, é o âmbito das intencionalidades individuais, do emocional, envolve sentimentos (lugares lembrados e lugares de importância objetiva)” (Tilley, 1994:16).

O espaço existencial, por sua vez, está relacionado com o perceptivo, mas refere-se ao espaço construído nas experiências concretas de indivíduos socializados em um grupo.

Sua significância transcende o âmbito pessoal e forma uma base para o espaço perceptivo. É um processo contínuo de produção e reprodução através dos movimentos e atividades de membros do grupo. (...) Os lugares no espaço existencial são fontes para a construção dos significados e das intenções sociais (Tilley, 1994: 16-17).

⁸ “Ela” faz referência a uma serra que denominaram “Serra do Engano”.

Em várias passagens do texto de José Inácio, encontram-se indicações para que, ao seguir o caminho indicado, se olhe em determinada direção, e para caminhar até o lugar “tal” onde se avista um acidente geográfico marcante. Além dessas, o autor comparou e associou formas topográficas com utensílios de seu dia a dia: “... e olhando dela para parte do Sueste do feitorio de uma cela: fica a dita lombra no mato do São João” (Inácio, 2002).

Estas representações de lugares e formas de movimentar o corpo no espaço são criadas através da percepção⁹ do caminhante sobre aquele espaço. É através das condutas e da experimentação do entorno que os sujeitos deixam transparecer suas idéias e maneiras de ver e viver a paisagem de outros grupos ou a sua. Neste sentido, como destaca Curtoni, “... es importante resaltar que la percepción no se observa por sí misma directamente, sino que lo observado son las reacciones y respuestas sensoriales originadas de ella (conductas)” (Curtoni, 2000: 117).

No texto de José Inácio é clara a relação do indivíduo com a paisagem; seus escritos indicam ao leitor uma forma de agir sobre o mundo, uma resposta sensorial à experiência vivida naquele entorno por aquele sujeito. Transparece uma conduta a seguir, visando ao direcionamento indicado a futuros transeuntes.

Visconde de Taunay (1962), no romance *Inocência*, através de um personagem, também aponta as referências e condutas de um viajante em relação ao espaço. Percebe-se que as condutas daquele sujeito estão relacionadas às marcas da estrada e a elementos de destaque, ou melhor, pontos visíveis na paisagem como: árvores, capões de mato, morros altos, etc.

O sertanejo, personagem de Taunay, após acordar e seguir para mais uma jornada de viagem, parece não ter percebido grandes diferenças entre a paisagem que percorrera no dia anterior e a que trilhou ao despertar o novo dia, como narra o autor:

Nada lhe parece mudado no firmamento: as nuvens de si para si parecem as mesmas. Dálhe o sol, quando muito, os pontos cardeais, e a terra só lhe prende atenção, quando algum sinal mais particular, pode servir-lhe de marco miliário na estrada que vai trilhando.

– Bom! Exclama em voz alta e alegre ao avistar algum madeiro agigantado ou uma disposição especial de terras, lá está peúva grande... Cheguei ao Barranco Alto. Até ao pouso de Jacaré há quatro léguas bem puxadas.

E, olhando para o sol, conclui:

– Daqui a três horas estou batendo fogo (TAUNAY, 1962: 16-17. Grifos meus.)

O texto de Taunay, mesmo como um romance, traz exemplos interessantes que auxiliam a pensar na conduta, na ação, na relação entre sujeito e paisagem e nestes espaços

⁹ Percepção como forma de empregar os sentidos do corpo (visão, audição, tato) a fim de superar a distância entre o sujeito e o espaço que o circunda. Tilley aponta outra variedade de meios para superar tal distância como: “... ações corporais e movimentos, intencionalidade, emoção e consciência depositados em sistemas de crença e tomadas de decisões, lembranças e avaliação” (Tilley, 1994: 14).

perceptivos e existenciais colocados por Tilley (1994). Percebe-se que todas as condutas do personagem, assim como aquelas dos autores das notícias práticas que mencionei, dão-se como reações e respostas sensoriais, neste caso através da visão, ao que está sendo percebido ao seu redor. As percepções da visão tornam-se tão importantes, para o direcionamento daquele ser, que outros sentidos apresentam-se menosprezados em detrimento desta. Como aponta Taunay em sua narrativa:

É-lhe indiferente o urro da onça. Só por demais repara nas muitas pegadas, que em todos os sentidos ficam marcadas na areia da estrada.

– Que bichão! Murmura ele contemplando um...” (Taunay, 1962: 17).

Também se pode falar em espaços perceptivos e existenciais ao analisar as notícias práticas de Souza e Faria, uma vez que este cria e recria lugares que ao mesmo tempo tem importância objetiva e marcam simbolicamente o domínio da Coroa portuguesa sobre o espaço, como no exemplo da *Cruz dos Tapas* apontada anteriormente. Seu relato deixa transparecer suas intencionalidades, como alguém a serviço de El-Rei, ao passo que José Inácio demonstra suas preocupações como piloto da expedição, alguém com uma base técnica de conhecimentos geográficos.

Apesar da grande experiência de José Inácio como piloto e das inúmeras qualidades e capacidades de Souza e Faria para realizar a abertura da nova estrada, o Caminho dos Conventos não foi concluído em função da oposição demonstrada pelos moradores da Vila de Laguna, Santos e outras. Como escreveu Cristóvão Pereira de Abreu na terceira notícia prática dada ao padre matemático Diogo Soares (Abreu, 2002):

... a esta diligência foram sempre opostos vários moradores das Vilas de Santos, Parnaguá e Curitiba e da mesma sorte os da Vila de Laguna e de Sta. Catarina, estes porque vivendo retirados, ou por crimes, ou por outros iguais motivos, como régulos sem obediência nem temor algum de justiça, receosos de que com a abertura do novo caminho perderiam as suas liberdades, o fizeram impossível; a aqueles porque sendo senhores de algumas limitadas fazendas que há nos campos de Curitiba, temiam ficar com muito menos valor, e por seguirem a sua opinião publicando com arestos falsos de Paulistas antigos a serem aqueles sertões impraticáveis, querendo também persuadir-nos que sendo aquelas terras confinantes com as Aldeias dos padres castelhanos poderíamos ser invadidos pelos Genelas aldeados (Abreu, 2002).

Cristóvão Pereira de Abreu e outros homens da Colônia do Sacramento partiram em auxílio à diligência de Souza e Faria. Dessa forma, o caminho foi finalizado, e por ele começaram a passar cavalgaduras e tropas de gado vacum guiadas por castelhanos ou por tropeiros de diferentes áreas da América portuguesa. No entanto, em 1730, Cristóvão Pereira finalizou a retificação do traçado desta rota com um atalho que partia dos campos de Viamão e seguia para Campos de Cima da Serra. Este novo trajeto ficou conhecido como Caminho das Tropas. Mas esta já é outra história...

BIBLIOGRAFIA CITADA

- ABREU, Cristóvão P. Do novo caminho que se descobriu das campanhas do Rio Grande, e Nova Colônia do Sacramento para a Vila de Curitiba no ano de 1727 por ordem do Governador e General de São Paulo, Antônio da Silva Caldeira Pimentel. 3ª Prática-Dada pelo Coronel Cristóvão Pereira de Abreu sobre o mesmo caminho ao R.P.M. Diogo Soares. In: *Notícias Práticas*. Biblioteca Virtual, Laboratório de Pesquisa em História Social/IFCH/UFRJ, 2002. Disponível em http://www.liphis.com/bibliovirtual/crispereira_3.pdf.
- CESAR, Guilhermino. *História do Rio Grande do Sul – período colonial*. Porto Alegre: Edições Globo, 1970.
- CURTONI, Rafael Pedro. La percepción del paisaje y la la representación de la identidad social en la región pampeana occidental (Argentina). In: Garcia, Camila Gianotti (org). *TAPA (Trabalhos em Arqueologia da Paisaxe)*. Santiago de Compostela: Laboratorio de Patromonio, Paleambiente e Paisaxe. Instituto de Investigaciones Tecnológicas, Universidade de Santiago de Compostela, 2000. N19. pp.115-125.
- FARIA, Francisco de Souza. Do novo caminho que se descobriu das Campanhas do Rio Grande, e Nova Colônia do Sacramento para a Vila de Curitiba no Ano de 1727 por ordem do Governador e General de São Paulo, Antônio da Silva Caldeira Pimentel – 1ª Prática – Dada ao R.P.M. Diogo Soares, pelo Sargento-Mor da Cavalaria Francisco de Souza e Faria, primeiro descobridor, e abridor do dito caminho. Fevereiro/1738. In: *Notícias Práticas*. Biblioteca Virtual, Laboratório de Pesquisa em História Social/IFCH/UFRJ, 2002. Disponível em <http://www.liphis.com/bibliovirtual/souzaefaria.pdf>.
- GUERREIRO, Inácio. Fronteiras do Brasil Colonial: A cartografia dos limites na segunda metade do século XVIII. In: *Revista Oceanos*. Lisboa: Comissão Nacional Para Comemoração dos Descobrimentos Portugueses, out/dez 1999. N. 40. pp. 24-42.
- GOULART, José A. *Tropas e Tropeiros na formação do Brasil*. Rio de Janeiro: Conquista, 1961.
- HAMEISTER, Martha D. *O Continente do Rio Grande de São Pedro: os homens, suas relações e suas mercadorias semoventes (c. 1727 – c. 1763)*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais/PPGHistória, 2002.
- INÁCIO, José. Do novo caminho que se descobriu das campanhas do Rio Grande, e a Nova Colônia do Sacramento para a Vila de Curitiba no Ano de 1727 por ordem do Governador e General de São Paulo, Antônio da Silva Caldeira Pimentel. 2ª Prática-Dada ao P.M. Diogo Soares sobre a abertura do novo caminho pelo piloto José Inácio, que foi e acompanhou em todo ele ao mesmo Sargento-Mor Francisco de Souza e Faria. Março/1738. In: *Notícias Práticas*. Biblioteca Virtual, Laboratório de Pesquisa em História Social/IFCH/UFRJ, 2002. Disponível em <http://www.liphis.com/bibliovirtual/joseinacio.pdf>

- MÁRQUEZ, Gabriel García. *Cem Anos de Solidão*. 2002. 52ª edição.
- PESAVENTO, Sandra. J. *História do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1994 [1980].
- RUSSELL-WOOD, A.J.R. O Brasil Colonial: O Ciclo do Ouro, c. 1690-1750. In: BETHELL, L. (org). *América Latina Colonial*. São Paulo: EDUSPS, 1999. V. 2. pp. 471-526.
- SILVA, Adriana Fraga. *Estratégias materiais e espacialidade: uma Arqueologia da Paisagem do Tropeirismo nos Campos de Cima da Serra/RS*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul/ PPGHistória: 2006.
- TAUNAY, Visconde de. *Inocência*. São Paulo: Edições Melhoramentos. 1962. 33ª edição brasileira.
- TILLEY, Christopher. *A Phenomenology of Landscape: places, paths and monuments*. Oxford / Province: Berg Publishers, 1994.

